

(Re)conhecendo a sexualidade de homens adultos que cometeram ofensa sexual

Understanding the sexuality of adult men who have committed a sexual offense

Gabriel Guedes Barbosa (orcid.org/0000-0002-3831-1491)¹

Andrea Schettino Tavares (orcid.org/0000-0002-4582-0526)²

Cássio Bravin Setubal (orcid.org/0000-0002-8263-2874)³

Liana Fortunato Costa (orcid.org/0000-0002-7473-1362)⁴

Resumo

Este texto buscou explorar o desenvolvimento sexual de homens adultos que cometeram ofensa sexual contra crianças/adolescentes e o percurso no qual a expressão da sexualidade se torna violenta. Trata-se de um estudo qualitativo de pesquisa documental realizado em uma unidade pública de saúde, sendo que o acesso às informações ocorreu por meio do instrumento linha da vida presente nos prontuários dos participantes de uma intervenção psicossocial direcionada aos ofensores sexuais. Foram analisadas as informações referentes à sexualidade e a discussão foi organizada em sentidos comuns e discordantes: iniciação sexual, preconceito – gênero e cultura –, violência sexual sofrida, afeto e sexualidade e satisfação sexual. Os resultados demonstraram as questões de gênero envolvidas na ofensa sexual de crianças e também apontaram possíveis fatores de risco de natureza sexual para o cometimento de ofensa sexual por um homem adulto. Alerta-se para a importância de se abordar a sexualidade de forma ampliada nos atendimentos a esse público.

Palavras-chave: Ofensor sexual adulto. Sexualidade. Ofensa sexual. Saúde. Linha da vida.

Abstract

This study aimed to investigate the sexual development of adult men who have committed sexual offenses against children/adolescents and the ways in which the expression of sexuality becomes violent. This is a qualitative study of documentary research in a public health unit. The information was accessed using lifeline instruments present in the records of participants of a psychosocial intervention for sex offenders. The information on participants' sexuality was analyzed and the discussion was organized according to common and discordant meanings: sexual initiation, prejudice related to gender and culture, sexual violence suffered, affection and sexuality, and sexual satisfaction. The results showed the gender issues involved in child sexual abuse and also pointed to possible sexual risk factors for adult male sexual offending. These findings warn of the importance of addressing sexuality in an expanded way in the treatment of this population.

Keywords: Adult sexual offender. Sexuality. Sexual offense. Health. Lifeline.

Este texto tem como objetivo identificar aspectos e vivências do desenvolvimento da sexualidade de adultos que cometeram ofensa sexual, a partir das informações presentes no instrumento linha da vida de cada participante. O contexto de pesquisa foi uma intervenção psicossocial grupal oferecida em uma instituição pública de saúde que atende esses homens encaminhados pela justiça. Busca-se compreender os funcionamentos sexuais masculinos

¹ “*In memoriam*”. Universidade de Brasília, Brasília, Brasil.

² Universidade de Brasília, Brasília, Brasil. E-mail: andreaschettino9@gmail.com

³ Secretaria de Estado de Saúde do Distrito Federal, Brasília, Brasil. E-mail: cassiosetubal@yahoo.com.br

⁴ Universidade de Brasília, Brasília, Brasil. E-mail: lianaf@terra.com.br

violentos e o cometimento da ofensa sexual contra crianças e adolescentes tendo como fundamento experiências sexuais vividas ao longo da vida.

A ofensa sexual pode ser caracterizada como qualquer ato libidinoso que usa meios coercivos ou fraudulentos para fins de gratificação sexual individual ou de terceiros, conforme a Lei n. 12.015/2009, que atualizou o Código Penal (Decreto-Lei n., 1940). Mais especificamente, a ofensa sexual contra vulneráveis ocorre quando cometida por um indivíduo em alguma relação desigual de poder – decorrente da idade ou estágio de desenvolvimento – em relação à criança ou adolescente (Decreto-Lei n. 2.848, 1940; World Health Organization [WHO], 2014). No Brasil, considera-se crime a ofensa sexual cometida contra crianças e adolescentes com idade abaixo de 14 anos, independentemente de qualquer relacionamento amoroso ou consentimento prévio, com pena de reclusão entre oito e 15 anos (Decreto-Lei n. 2.848, 1940).

A questão da ofensa sexual é um problema urgente de saúde pública (WHO, 2014; Wurtele, Simons, & Parker, 2018). No Brasil, os dados da Secretaria de Vigilância em Saúde (SVS) revelam que 76,5% dos casos de ofensa sexual notificados entre os anos de 2011 e 2017 ocorreram contra crianças e adolescentes (Ministério da Saúde, 2018). Conforme o Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias (InfoPen), no período entre 2015 e 2017, 6.000 indivíduos foram acusados de cometer estupro de vulnerável no Brasil (Ministério da Justiça e Segurança Pública, 2017).

Em 2018, o Núcleo de Estudos e Programas na Atenção e Vigilância em Violência (Secretaria de Estado de Saúde do Distrito Federal, 2018), em seu Informativo sobre as Notificações de Violência Interpessoal/Autoprovoada, registrou 181 casos de ofensa sexual contra crianças e adolescentes no Brasil. Isso sem contar com os casos subnotificados que nem chegaram ao conhecimento público porque não foram identificados, denunciados e/ou revelados (Hillis, Mercy, Amobi, & Kress, 2016; WHO, 2003).

Políticas públicas, como o Plano Nacional de Enfrentamento da Violência Sexual contra Crianças e Adolescentes, já preveem o atendimento em saúde tanto das vítimas quanto dos autores de ofensa sexual (Brasil, 2013). As pesquisas vêm corroborando a importância de atender o autor da ofensa sexual, de forma a reduzir reincidências e combater efetivamente a ofensa sexual como problema de saúde e segurança pública (Debona, Teixeira, Lima, Lemos, & Gontijo, 2018). Porém, no Brasil, ainda é negligenciada a garantia do direito de atendimento à saúde ao adulto que cometeu ofensa sexual e a atenção a esse indivíduo restringe-se à lógica meramente punitiva (Meneses, Stroher, Setubal, Wolff, & Costa, 2016).

Essa é uma perspectiva que precisa mudar. Ao defender o direito desse público à atenção em saúde, reconhecem-se suas trajetórias de vida e os processos históricos que os tornaram vulneráveis a cometer uma ofensa sexual (Cossins, 2000; Ward & Beech, 2016). Compreendendo que esse é um crime de natureza sexual e que há um percurso no qual a sexualidade desses homens tornou-se violenta, é imprescindível estudar o desenvolvimento sexual do ofensor ao longo de sua vida.

A sexualidade humana é complexa e multifacetada. De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), sexualidade abrange sexo, identidades e papéis de gênero, orientação sexual, erotismo, prazer, intimidade e reprodução (WHO, 2006). A sexualidade está presente em todas as fases da vida, sob diferentes representações e motivações (Diamond, Bonner, & Dickenson, 2015). As primeiras manifestações sexuais ocorrem na infância e ganham valor erótico no decorrer do desenvolvimento psicosssexual, na medida em que a excitação sexual é direcionada a estímulos sexuais específicos (Diamond *et al.*, 2015). Esses estímulos vão indicar a orientação e os desejos sexuais de cada indivíduo. Os significados culturais de gênero atribuídos a homens e mulheres afetam as vivências sexuais, posto que diferenciam representações da sexualidade entre ambos os sexos (Diamond *et al.*, 2015).

Ward & Beech (2016) argumentam que o ofensor sexual é capaz de excitar-se sexualmente por uma criança de forma situacional. Essa característica o diferencia de uma pessoa pedófila, que procura preferencialmente manter contato sexual com crianças e/ou adolescentes pré-púberes (Gerwinn *et al.*, 2018). A excitação sexual é uma resposta sexual momentânea, moderada por estimulação fisiológica, emocional e afetiva, variando contextualmente (Hyde, Byers, & DeLamater, 2017). Cossins e Plummer (2016) argumentam que o grau de uso da sexualidade como dispositivo de expressão da masculinidade determina a forma e o objeto a que são direcionados a excitação sexual do homem. Logo, é promissor compreender o significado que a atividade sexual com crianças tem para a vida dos ofensores como pessoas do gênero masculino (Cossins & Plummer, 2016; Plummer & Cossins, 2016).

A etiologia da ofensa sexual cometida por homens adultos contra crianças/adolescentes indica a sexualidade desviante (interesses sexuais desviantes) e/ou a sexualidade desadaptativa (roteiros sexuais distorcidos, sexualização de necessidades emocionais) como possíveis fatores de risco (Ward & Beech, 2016). Na literatura são evidenciados alguns funcionamentos problemáticos da sexualidade que, concomitantes ou não, podem mediar a excitação sexual por crianças/adolescentes (Heffernan & Ward, 2015; Ward & Beech, 2016) – estando estes relacionados com estratégias de enfrentamento sexualizadas, interesses sexuais desviantes e roteiros sexuais distorcidos (Ward & Beech, 2016).

Ao explorar o desenvolvimento sexual do homem adulto ofensor sexual ao longo da vida, alguns marcos importantes têm de ser enfatizados: a vivência de experiências sexuais traumáticas na infância (Martínez-Catena, Redondo, Frerich, & Beech, 2016); possíveis episódios de vitimização sexual (Depraetere, Vandeviver, Beken, & Keygnaert, 2018); a socialização de papéis de gênero (Ranger, 2015); como e quando ocorreu a iniciação sexual (Wolff, Oliveira, Marra, & Costa, 2016); a prática da masturbação durante a adolescência (Ward & Beech, 2016); e as conjugalidades e relacionamentos íntimos-românticos com os pares durante a fase adulta (Aslan, Edelman, Bray, & Worrell, 2014; Lima, 2016). Além de se constituírem em momentos decisivos no desenvolvimento normativo da sexualidade humana,

também são aspectos que podem revelar motivações e disparadores para o cometimento de uma ofensa sexual contra uma criança/adolescente por um homem adulto.

O histórico de vitimização sexual do homem adulto ofensor sexual é um marco a destacar. Atualmente se sabe que crianças do gênero masculino são mais vulneráveis à polivitimização, que ocorre quando sofrem, simultaneamente, vários tipos diferentes de violência (Said & Costa, 2018). Embora as vitimizações físicas e sexuais na infância sejam importantes fatores de risco na propensão ao cometimento da ofensa sexual contra crianças (Passarela, Stroher, & Costa, 2019), não é uma relação causal e definitiva (Gunst, Watson, Desmet, & Willemsen, 2017; Plummer & Cossins, 2016).

Ao compreender a perpetuação do ciclo de ofensa sexual, é importante notar que, apesar de as vítimas serem predominantemente mulheres, os autores são majoritariamente homens (Plummer & Cossins, 2016). Ou seja, há uma relação entre especificidades da sexualidade masculina que os dispõe ao maior cometimento da ofensa sexual, evidenciando efeitos distintos decorrentes de experiências adversas na propensão a ofender sexualmente crianças e adolescentes considerando-se as diferenças de gênero (Plummer & Cossins, 2016). Assim, torna-se essencial compreender o significado que a atividade sexual com crianças tem para a vida dos ofensores como homens (Cossins & Plummer, 2016; Plummer & Cossins, 2016).

Dadas tais evidências e considerando-se que o homem adulto ofensor sexual excita-se sexualmente por uma criança em contextos situacionais específicos, este texto pretende identificar e compreender os percursos nos quais o desenvolvimento da sexualidade de um homem torna-se violenta. Busca-se possibilitar o conhecimento na área do autor de ofensa sexual, discutindo o ato ofensivo, a sexualidade e sua relação com o funcionamento e a expressão violenta da sexualidade masculina.

Método: contexto da pesquisa

Este é um estudo de natureza qualitativo-descritiva sobre a sexualidade de homens adultos que cometeram ofensa sexual contra crianças ou adolescentes e estão em atendimento em uma instituição brasileira de saúde pública. A unidade de saúde em questão faz parte de uma rede especializada no atendimento a situações de ofensa sexual e atende, exclusivamente, a população de adultos autores de ofensa sexual. Neste estudo, utilizou-se o método de análise documental, que é o meio mais acessível para coleta de dados nesse contexto de pesquisa. Tipicamente, esses usuários não aceitam assinar Termos de Consentimento Livre e Esclarecido porque entendem que, assim, estariam admitindo o cometimento da ofensa sexual, a qual eles negam (Meneses *et al.*, 2016). A pesquisa documental caracteriza-se pela extração de sentidos a partir de fontes documentais íntegras que ainda não passaram por qualquer tratamento analítico prévio, sendo vantajosa por utilizar dados brutos confiáveis (Cechinel, Fontana, Della, Pereira, & Prado, 2016).

Contexto da intervenção psicossocial

Os atendimentos realizados nessa unidade de saúde são conduzidos por uma equipe multiprofissional formada por dois psicólogos, duas assistentes sociais, um psiquiatra e estudantes do curso de Psicologia, tanto da graduação como da pós-graduação. Inicialmente, ao serem encaminhados à unidade de saúde, os usuários são entrevistados e avaliados. Nessa avaliação, são aplicados alguns instrumentos para obtenção de informações biopsicossociais e da ofensa perpetrada, ocorrendo também uma entrevista psiquiátrica, conforme já descrito em Meneses *et al.* (2016). Finalizada essa sequência, os usuários são encaminhados para atendimento individual ou grupal.

Participantes

Foram coletadas informações referentes aos oito participantes da intervenção psicossocial grupal ocorrida em 2019. A faixa etária média dos participantes deste estudo foi de 43 anos, variando entre 30 e 65 anos. A renda pessoal variou em torno de R\$ 1.400. A maioria declarou-se parda e apenas um declarou-se preto. Em relação ao estado civil, dois declararam-se solteiros, dois estavam separados, dois casados e dois namorando. Todos definem-se como heterossexuais. O nível de escolaridade variou desde ensino superior completo, com um representante, até ensino fundamental incompleto, com três participantes. Apenas um dos oito participantes estava desempregado no momento da entrevista. Em relação à ofensa sexual cometida, todas foram consideradas intrafamiliar. A maioria das vítimas – sete delas – eram do sexo feminino, com idade média na faixa dos 10 anos de idade. Todos os oito homens sofreram pelo menos um tipo de violência (sexual, física, psicológica, negligência e/ou trabalho infantil). Eles foram encaminhados pela Justiça em virtude da acusação de ofensa sexual intrafamiliar. Alguns receberam penas entre sete e 14 anos de reclusão, outros respondem em transação penal e outros receberam suspensão condicional do processo.

Instrumento

Foi utilizada a linha da vida como instrumento de coleta de dados deste estudo. Essa ferramenta organiza informações de forma cronológica (Hanriot, Garcia, Lara, & Sousa, 2013), permitindo melhor visualização de eventos relevantes no decorrer da vida dos indivíduos. Na unidade de saúde do presente estudo, a linha da vida é construída durante a realização das entrevistas individuais e previamente ao início da intervenção grupal. Essa técnica ofereceu condições de obtenção de algumas informações referentes à sexualidade, tais como: vitimizações sexuais na infância; socializações de gênero; período e modo de iniciação das relações sexuais; conjugalidades, namoros, parceiros sexuais.

Procedimento de coleta das informações

Os dados foram coletados nas linhas da vida anexadas aos prontuários dos sujeitos que participaram de um grupo de intervenção psicossocial no ano de 2019. Priorizaram-se informações e aspectos referentes à sexualidade dos participantes.

Procedimentos de análise das informações

O foco de análise das linhas da vida de cada participante foram os aspectos da sexualidade. Empreendeu-se uma leitura exaustiva de todas as informações presentes e buscou-se identificar informações semelhantes e/ou diferenças/discrepâncias. Em seguida, passou-se à discussão considerando-se o desenvolvimento da sexualidade dos participantes. Foram analisadas as informações referentes a sete dos oito participantes – uma das linhas da vida estava incompleta à época do estudo e não continha dados suficientes, sendo, portanto, descartada da análise de informações.

Cuidados éticos

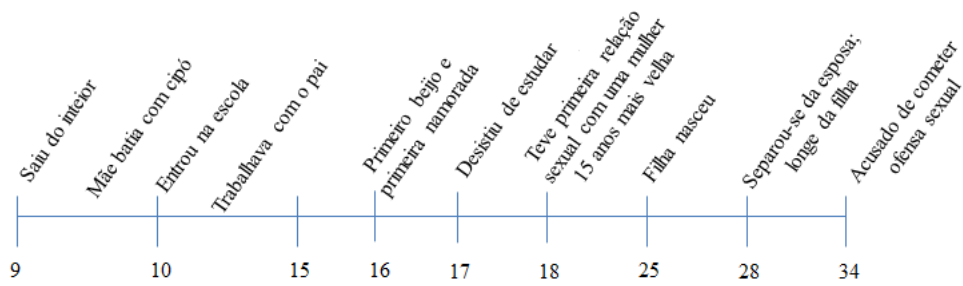
O projeto de pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética do Instituto de Ciências Humanas, via Plataforma Brasil, sendo aprovado com o parecer n. 972.246, em 4 de março de 2015.

Resultados

A seguir são descritas as linhas da vida dos sete participantes em atendimento no grupo de intervenção psicossocial para autores de ofensa sexual contra crianças e adolescentes. Abaixo e acima da linha horizontal estão, respectivamente, a idade que tinham quando ocorreram os eventos e a descrição de cada participante. Os eventos localizados logo acima das idades ocorreram nesse período específico, os demais foram alocados entre uma idade e outra porque ocorreram nesse intervalo.

Participante 1

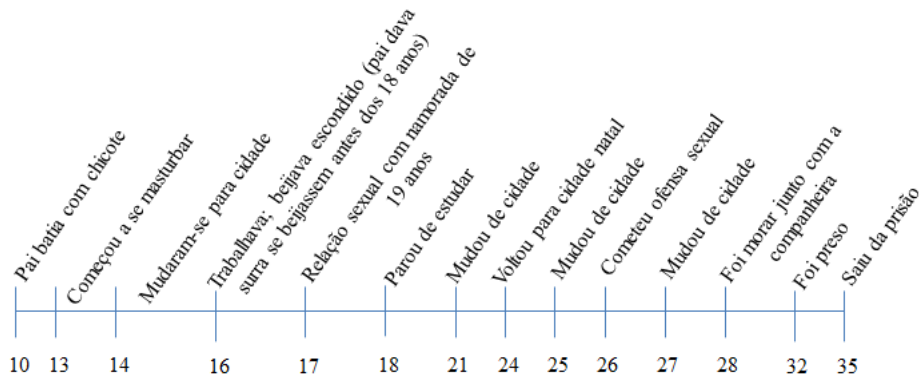
Figura 1. Linha da vida do participante 1



Fonte: Elaboração própria.

Participante 2

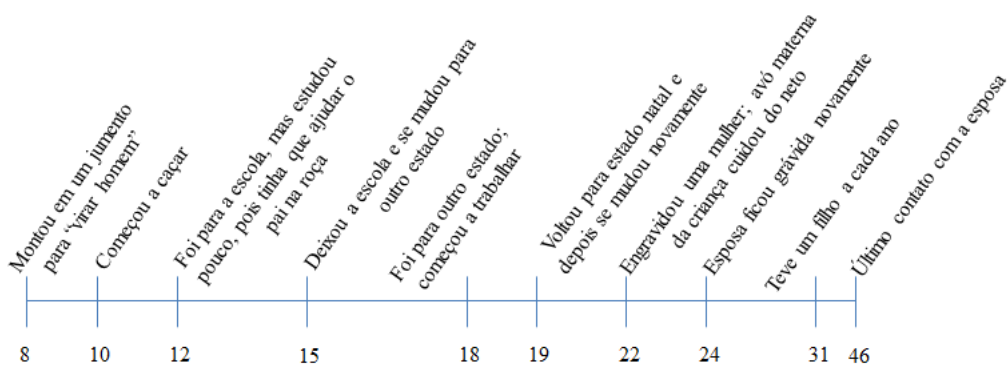
Figura 2. Linha da vida do participante 2



Fonte: Elaboração própria.

Participante 3

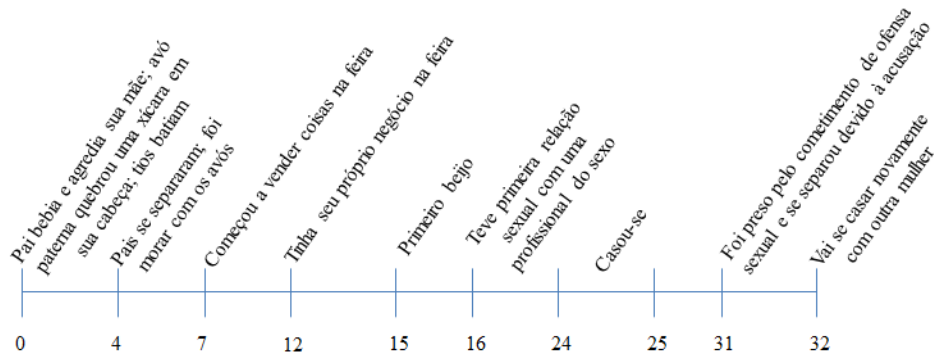
Figura 3. Linha da vida do participante 3



Fonte: Elaboração própria.

Participante 4

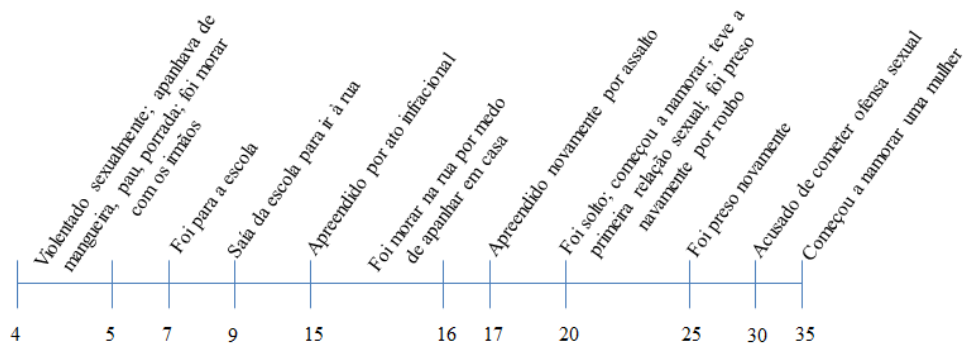
Figura 4. Linha da vida do participante 4



Fonte: Elaboração própria.

Participante 5

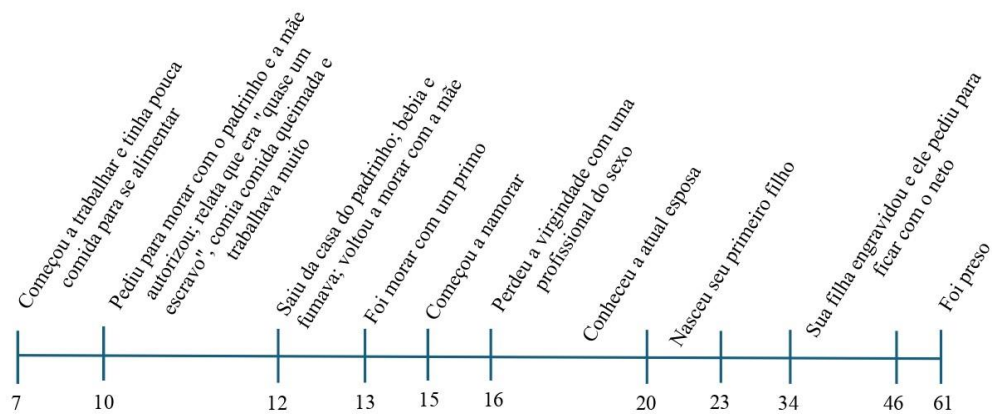
Figura 5. Linha da vida do participante 5



Fonte: Elaboração própria.

Participante 6

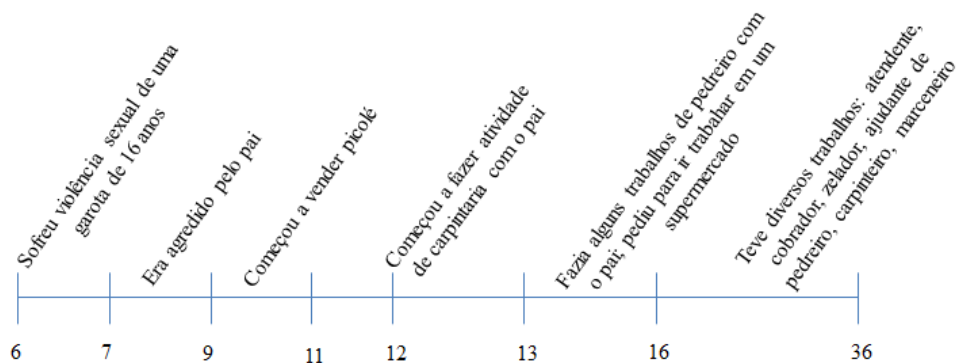
Figura 6. Linha da vida do participante 6



Fonte: Elaboração própria.

Participante 7

Figura 7. Linha da vida do participante 7



Fonte: Elaboração própria.

Discussão

As informações apresentadas nos resultados buscaram oferecer uma visão sintética dos eventos mais importantes da história de vida dos participantes. Essas informações foram, então, reunidas conforme sentidos dinâmicos que participam da construção do contexto da ofensa sexual cometida por homens adultos: iniciação sexual em relação à idade e condições (Wolff *et al.*, 2016); questão de gênero (Aslan *et al.*, 2014); violência sexual e outras violências sofridas (Debona *et al.*, 2019); afeto e sexualidade (Martínez-Catena *et al.*, 2016); e satisfação sexual. Em sua dinamicidade, cada sentido buscou relacionar a situação da ofensa sexual contra crianças/adolescentes aos eventos sequenciais presentes nas linhas da vida.

A iniciação sexual

A iniciação sexual é um marco importante na expressão da sexualidade, que precisa ser compreendido no tratamento dos homens adultos ofensores sexuais (Wolff *et al.*, 2016). Como rito de passagem, a primeira relação sexual masculina marca a transição de “garoto” para “homem”, já que o sexo é considerado parte constituinte de um homem adulto (Edley, 2017). Uma parcela dos homens deste estudo – participantes 1, 2, 4 e 6 – relatou episódio de iniciação sexual com mulheres mais velhas, incluídos aqui aqueles que experienciaram a primeira relação sexual com profissionais do sexo. Resultado semelhante foi encontrado no estudo de Sanfelice e Antoni (2010): os três homens que cometeram ofensa sexual contra crianças também relataram ter tido a primeira relação sexual com pessoas adultas e mais velhas.

Especificamente, os participantes 4 e 6 relataram ter iniciação sexual com mulheres profissionais do sexo. Geralmente são os pais ou outros homens da família que levam os meninos – ou os incentivam a irem – até o prostíbulo (Nogueira, Costa, Passarela, & Setubal, 2020). Esse tipo de iniciação sexual pode comunicar tanto uma representação da mulher como objeto sexual quanto do homem como dominador sexual. Ao repercutir na formação dos roteiros sexuais, leva os homens a interpretarem determinados comportamentos como pistas sexuais, de forma inconveniente (Ranger, 2015). Os roteiros sexuais são esquemas mentais representativos que descrevem quando e onde o sexo deve ocorrer, com quem, o que fazer e como interpretar os sinais emitidos pelo parceiro sexual (Rossetto & Tollison, 2017).

Roteiros sexuais, assim, tornam-se perigosos à passagem para um ato sexual violento quando contextualizados em uma sociedade fundamentada na hegemonia masculina, que valida e justifica a ação sexual violenta como reação masculina natural às supostas insinuações sexuais do outro. Um cenário assim qualificado interfere diretamente na cognição masculina e influencia as distorções cognitivas, fenômeno prevalente entre a população de homens adultos ofensores sexuais de crianças (Martínez-Catena *et al.*, 2016; Wolff *et al.*, 2016) e um dos principais meios de desinibição interna usualmente utilizado por esses homens antes, durante e depois do cometimento da ofensa sexual.

O preconceito: gênero e cultura

Os significados culturais de gênero atribuídos aos corpos do homem e da mulher afetam as vivências sexuais, na medida em que diferenciam representações e expressões da sexualidade entre ambos os sexos (Hyde *et al.*, 2017). Neste estudo, dois participantes relataram ter iniciação sexual com mulheres profissionais do sexo aos 16 anos de idade. Nessa faixa etária, o garoto ainda é adolescente e, portanto, está em pleno processo de desenvolvimento (Lei n. 8.069, 1990), não tendo capacidade suficiente de discernimento para buscar espontaneamente esse tipo de prática. Entende-se que, de alguma forma, esse adolescente está sob influência externa. Socialmente, meninos são estimulados à atividade

sexual precoce, enquanto as meninas devem adiar ao máximo a vivência de qualquer tipo de atividade sexual até que encontrem o “parceiro certo” (Belusso, 2019).

Essa norma social acaba sendo só mais uma forma de institucionalizar o homem como dominador sexual, influenciando na formação de roteiros sexuais machistas. Especificamente, essa configuração de roteiro sexual parece ser um dos motivadores para o cometimento de ofensa sexual contra meninas pré-adolescentes. Nessa faixa etária, a puberdade inicia-se e os caracteres sexuais secundários começam a surgir (Greenberg, Bruess, & Oswalt, 2016), condição suficiente para um homem adulto confundir o corpo feminino infantil com um corpo feminino adulto e permitir-se ficar sexualmente excitado por ele.

De acordo com Hyde *et al.* (2017), a excitação sexual humana apresenta um componente sociocultural que controla quais estímulos serão considerados sexualmente excitantes ou não. Os homens adultos inibem-se sexualmente na presença de crianças porque aprenderam, socialmente, que elas não são estímulos sexuais adequados (Hyde *et al.*, 2017). No entanto, a socialização machista vulnerabiliza alguns homens a percepções distorcidas, favorecendo crenças permissivas sobre a atividade sexual entre adultos e crianças.

Em relação a isso, os homens de origem rural apresentam vulnerabilidade específica desse meio, caracterizado por uma típica socialização de valores morais tradicionais, pouca possibilidade de acesso à informação e baixo nível de escolaridade (Belusso, 2019), que condicionam a sexualidade a representações e funcionalidades empobrecidas. O participante 3 deste estudo descreve aspectos de seu desenvolvimento sexual no meio rural, quando relata um episódio em que diz ter montado em um jumento para “virar homem”. Três participantes (1, 2 e 3) nasceram e passaram pelo menos uma parte da infância na zona rural, relatando evasão escolar ainda na infância ou na adolescência.

Esse é um cenário de risco, pois o desenvolvimento sexual fica à mercê de normas sexuais muito enrijecidas e preconceituosas (Lima, 2016). Todos os demais participantes que não mencionaram abandono escolar descreveram uma infância/adolescência marcada por trabalho infantil, drogas e criminalidade, o que também pode ter afetado negativamente a progressão dos estudos. Há que se referenciar que o desenvolvimento da sexualidade ocorreu em meio a essas outras condições de vulnerabilidade.

Apesar de serem dados importantes que revelam especificidades do desenvolvimento sexual em diferentes meios socioculturais e históricos, não são generalizáveis e os homens de origem rural e/ou com baixa escolaridade não são mais propensos a cometer ofensa sexual. A amostra deste estudo representa o recorte de ofensores que já estiveram no sistema fechado e, conseqüentemente, já vulneráveis socioeconomicamente, considerando a tendenciosidade do sistema penal brasileiro (Ministério da Justiça e Segurança Pública, 2017).

A violência sexual sofrida

A vitimização sexual é um evento marcante no desenvolvimento sexual de um homem, acarretando consequências em curto e longo prazo para a sexualidade masculina, incluindo confusões na identidade de gênero e orientação sexual, comportamentos sexuais de risco e a perpetuação do ciclo de ofensa sexual (Depraetere *et al.*, 2018; Cossins & Plummer, 2016). Ao sofrer vitimização sexual, a masculinidade do homem é desvalidada perante a masculinidade hegemônica, acarretando grande sofrimento, já que é parte constituinte de sua identidade e central para sua autoestima (Plummer & Cossins, 2016).

Em apenas dois relatos (5 e 7), foi identificado histórico de vitimização sexual na infância. No entanto, esse número aumenta ao se considerar como potenciais vítimas de ofensa sexual os dois participantes que relataram ter iniciação sexual com mulheres profissionais do sexo. Novamente vale ressaltar que esses meninos costumam ser levados pelo pai ao prostíbulo para perderem logo a virgindade (Nogueira *et al.*, 2020). De acordo com o Código Penal Brasileiro, para crimes contra a dignidade sexual, esse tipo de atividade corresponde ao crime de corrupção de menores (Lei n. 12.015, 2009), apesar de não ser assim reconhecido e, portanto, legalmente punível.

Ainda que a literatura demonstre e evidencie a maior prevalência de vítimas femininas, sabe-se que os homens também sofrem ofensa sexual (Cossins & Plummer, 2016; Hohendorff, Santos, & Dell'Aglio, 2015; O'Leary, Easton, & Gould, 2016), embora seja uma população pouco considerada devido à subnotificação de casos (Said & Costa, 2018). O participante 7 foi vitimizado aos seis anos de idade por uma adolescente de 16 anos. Esse fato revela uma dinâmica ainda mais distante do imaginário social: a mulher como ofensora e o homem como vítima, dificultando a divulgação do caso. Nesse tipo de situação, o homem geralmente não interpreta como violência e sente-se glorificado por atrair sexualmente uma mulher mais velha (Costa, Cavalcante, & Reis, 2018), agregando-lhe virilidade – se não reconhece como violência, corre-se o risco de vir a naturalizar a atividade sexual entre um adulto e uma criança.

Além disso, o estigma de que homens não podem estar na posição de vítima agrava sua vulnerabilidade à perpetuação do ciclo de violência (Mowat, Combees, & Busch, 2016), na medida em que não consiga assim se reconhecer e buscar ajuda (Depraetere *et al.*, 2018). O planejamento de políticas públicas destinadas à saúde do homem ofensor sexual precisa atentar-se para essas particularidades de gênero (Ranger, 2015). Em relação aos homens vítimas, os programas de atendimento em saúde que pretendam a interrupção do ciclo de ofensa sexual precisam, necessariamente, englobar questões de gênero (Mowat *et al.*, 2016), de forma a possibilitar a construção de masculinidades menos enrijecidas e mais saudáveis.

Cale, Leclerc e Smallbone (2014) evidenciam a sexualização como possível consequência da vitimização sexual infantil masculina, caracterizando um desenvolvimento sexual marcado por alta preocupação sexual. Esse não é simplesmente um efeito clínico, mas diz respeito também a questões de gênero e a representações de masculinidade. A vitimização de natureza sexual fere a identidade masculina do homem (Cossins & Plummer, 2016),

levando-o a adotar comportamentos compensatórios e hipermasculinizados, como a sexualização exacerbada, de forma a demonstrar e compensar sua virilidade (Ranger, 2015).

Homens com grande preocupação sexual podem interpretar comportamentos infantis e/ou juvenis como sexuais e/ou confundir intimidades não necessariamente sexuais como se assim o fossem, como no caso da intimidade parental entre pai e filha. No estudo de Aslan *et al.* (2014), o pai informou que violentou a filha porque se sentiu cada vez mais íntimo dela ao ter de cuidá-la diariamente. Esse cenário de risco foi agravado pelo distanciamento íntimo da esposa. Situação semelhante foi vivenciada por um dos participantes deste estudo, que cometeu violência contra a própria filha após separação conjugal da esposa.

O afeto e a sexualidade

O afeto é parte constituinte da sexualidade humana e influencia a atração sexual, direcionando a excitação sexual para estímulos sexuais específicos. À medida que o homem desenvolve-se, os relacionamentos sexuais afetivos íntimos-românticos tornam-se cada vez mais prioritários na vida sexual, sendo centrais no funcionamento sexual adulto (Hyde *et al.*, 2017). Gunst *et al.* (2017) apontam a dificuldade ou incapacidade de relacionar-se romanticamente com pares adultos como um fator de risco à ofensa sexual de crianças.

Três participantes (1, 2 e 6) deste estudo relataram namorar durante a adolescência, período crucial na formação de disposições sexuais duradouras (Diamond *et al.*, 2015). Os relacionamentos românticos-sexuais com pares adolescentes são essenciais na formação do repertório sociossexual, incluindo os roteiros sexuais e as habilidades interpessoais e de intimidade (Hyde *et al.*, 2017), as quais serão decisivas para o sucesso nos relacionamentos amorosos adultos.

Atualmente já é de conhecimento científico que um dos fatores de risco para o cometimento de ofensa sexual contra crianças é a dificuldade do homem adulto em estabelecer ou manter relacionamentos íntimos-românticos estáveis com pares adultos (Assini-Meytin, Fix, & Letourneau, 2020; Lima, 2016; Ward & Beech, 2016). Essa dificuldade pode levar alguns homens a excitar-se sexualmente por uma criança ao forjar com ela um pseudorrelacionamento romântico, o que, para eles, é bem mais cômodo e acessível (Heffernan & Ward, 2015).

Neste estudo, todos os homens mencionaram histórias de vinculação afetiva problemática, incluindo histórico de violência física parental, migrações frequentes e rompimentos afetivos. Ainda fica evidente o esforço para estabelecerem relações amorosas, mas que se mantêm por curto tempo. Alguns desses ofensores cometeram a ofensa sexual quando não estavam com uma parceira sexual estável, seja devido a separação conjugal recente, seja devido a dificuldades de vinculação afetiva referida em sua própria história de vida.

A satisfação sexual

Já que a ofensa sexual contra crianças é um fenômeno situacional derivado de excitação e não necessariamente de preferência sexual (Gerwinn *et al.*, 2018; Ward & Beech, 2016), a satisfação sexual é um importante mediador para o cometimento ou não desse tipo de violência. Quando insatisfeito com um relacionamento sexual adulto ou em falta de vida sexual ativa, o homem adulto já vulnerável pode encontrar no contato oportuno com uma criança uma forma de satisfazer-se sexualmente.

Em relação à vivência da sexualidade à época do cometimento da ofensa sexual, há dados disponíveis para apenas dois participantes. Os participantes 1 e 4 descreveram episódios de separação conjugal próximos ou concomitantes à acusação de ofensa sexual. Esse tipo de informação merece atenção, pois indica configurações e *modus operandis* que precisam ser (re)conhecidas para evitar reincidências. De acordo com a literatura, a existência de um relacionamento amoroso pode ser tanto fator de risco quanto de proteção à ofensa sexual (Aslan *et al.*, 2014; Lima, 2016).

Constitui-se fator de proteção quando o casal compartilha intimidade, amor e vida sexual ativa. Em contrapartida, representa risco quando são insatisfatórios em termos sexuais e afetivos e o homem permanece apenas por conveniência, privando-se de relações amorosas com outros pares adultos (Aslan *et al.*, 2014). Considerando-se que a maioria dos casos de ofensa sexual contra crianças são de natureza intrafamiliar (Ministério da Saúde, 2018), esse risco agrava-se quando o casal insatisfeito convive, relacional e espacialmente, com crianças. Três participantes deste estudo – 2, 4 e 5 – mencionaram conjugalidades posteriores ao cometimento da ofensa sexual, constituindo novos relacionamentos amorosos. Desde que sejam relações saudáveis, podem funcionar como proteção a reincidências.

Além disso, neste estudo, somente um dos homens mencionou a masturbação em seu relato. A masturbação é uma maneira de vivenciar a sexualidade para a maioria dos homens, mas pode ser disparador para o cometimento de ofensa sexual por um homem adulto se estimular a fantasia sexual voltada para crianças e adolescentes, incentivando a passagem ao ato sexual violento e à concretização do pensamento de risco. Porém, ao mediar a excitação sexual daqueles homens adultos que não dispõe de qualquer outro meio de alívio sexual imediato, também pode funcionar como fator de proteção.

Esses homens viveram a fase de experimentação da própria sexualidade em meio a muitos eventos de variadas ordens: dificuldades socioeconômicas; migrações frequentes; rompimentos afetivos; trabalho infantil; e evasão escolar precoce. Compreende-se que o desenvolvimento de suas sexualidades foi afetado de diversas formas, podendo isso indicar aspectos associados ao cometimento da ofensa sexual. A forma como esses homens foram iniciados sexualmente e educados a serem dominadores implica o cometimento da ofensa sexual como forma de expressão do poder machista, principalmente em relação às mulheres e crianças. É evidente o histórico de vinculações afetivas empobrecidas e a falta de

experiências sexuais saudáveis, além do esforço para estabelecerem relações amorosas aparentemente instáveis, o que pode levar a suprirem essa necessidade afetiva no ato sexual com crianças.

Também há sofrimento de violências variadas, tais quais negligência, espancamento e outras agressões, situando esses adultos como polívitimas. Aqui, a vitimização sexual é particularmente importante, principalmente quando não é validada e reconhecida, pois assim esses homens vítimas não conseguem compreender a violência que sofreram e expressar seu sofrimento de forma adequada, tornando-se propensos a perpetuar o ciclo de violência. Considerando a característica de polivitimização desses homens, com iniciação sexual precoce, parece que desde criança a satisfação afetiva é substituída pela satisfação sexual – incentivada pelo tecido social.

Considerações finais

Este texto buscou focar a sexualidade do adulto ofensor sexual como tema de relevância, mas também como um tópico de desconhecimento da comunidade acadêmica. A partir da análise das histórias de vida dos participantes, compreende-se que, em concomitância com alguns fatores de risco de natureza sexual, esses homens acabam excitando-se sexualmente pela criança/adolescente e passando ao ato sexual violento. Esses fatores não necessariamente motivam, mas facilitam o cometimento da ofensa sexual. São eles: iniciação sexual precoce, polivitimização, insatisfação conjugal, dificuldade ou impossibilidade de estabelecer relacionamentos íntimo-romântico com seus pares, roteiros sexuais machistas e masculinidade vulnerável.

Observou-se que a sexualidade é mais bem compreendida se for em conjunto com os eventos do contexto sócio-histórico, cultural e econômico, que orientam sua expressão. Entende-se que há uma dicotomia da vivência da sexualidade e da afetividade na história de vida desses homens. Além disso, vale enfatizar que, além das socializações machistas de gênero a qual todos os participantes deste estudo estão socialmente sujeitos, alguns homens, em específico, apresentaram um entrelaçamento entre experiências sexuais e vivências violentas em suas histórias de vida, o que pode estar diretamente relacionado ao cometimento posterior da ofensa sexual.

Portanto, compreender o funcionamento desadaptativo e/ou desviante da sexualidade masculina e a forma como tornou-se violenta ao longo do desenvolvimento sexual é primordial para o planejamento de políticas públicas preventivas e programas de atendimento em saúde a esses homens. Assim como a unidade de saúde do presente estudo já faz (Meneses *et al.*, 2016), as intervenções em saúde direcionadas a esse público precisam, necessariamente, englobar temáticas que discutam a sexualidade de forma ampliada, englobando questões de gênero e masculinidades. É importante que o desenvolvimento sexual seja abordado nas

intervenções em saúde com os homens adultos ofensores sexuais, de forma adequada a esse público.

O texto apresentou possibilidades de que a linha da vida seja considerada um instrumento útil e viável nesses casos em que os participantes não se colocam disponíveis para falarem abertamente sobre um assunto íntimo. Ademais, como esses homens são encaminhados pela Justiça, que os acompanha durante o processo de atendimento na unidade de saúde, eles têm o receio de que possam ser incriminados por eventuais informações que possam vir a dar à equipe de saúde (Wolff *et al.*, 2016). O limite do texto se refere a essa precaução que os participantes apresentam, fazendo que seja possível adentrar essa temática unicamente pela via da consulta aos documentos presentes nos prontuários da instituição. Sugere-se que estudos futuros abordem aspectos da sexualidade referentes à díade conjugal, como a satisfação sexual, e a sua relação com o cometimento da ofensa sexual por um homem adulto, já que o relacionamento amoroso-sexual estável é indicador de diminuição de reincidência à ofensa sexual de crianças/adolescentes. A satisfação sexual deverá ser analisada relacionando-a à configuração e ao contexto do ato cometido, à relação da vítima com a díade conjugal e a outros fatores de risco.

Referências

- Aslan, D., Edelman, R., Bray, D., & Worrell, M. (2014). Entering the World of Sex Offenders: An Exploration of Offending Behavior Patterns of Those with Both Internet and Contact Sex Offences Against Children. *Journal of Forensic Practice*, 16(2), 110-126. Doi: 10.1108/JFP-02-2013-0015.
- Assini-Meytin, L. C., Fix, R. L., & Letourneau, E. J. (2020). Child Sexual Abuse: The Need for a Perpetration Prevention Focus. *Journal of Child Sexual Abuse*, 1-19. Doi: 10.1080/10538712.2019.1703232.
- Belusso, A. (2019). Sexualidade e campesinidade: percepções e vivências de jovens em escola do campo no sudoeste do Paraná. Dissertação de mestrado. Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, Paraná, Brasil. Recuperado de <http://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/handle/1/4299>.
- Brasil (2013). Plano Nacional de Enfrentamento da Violência Sexual Contra Crianças e Adolescentes. Brasília: Secretaria de Direitos Humanos. Recuperado de http://www.crianca.mppr.mp.br/arquivos/File/publi/sedh/08_2013_pnevsca.pdf.
- Cale, J., Leclerc, B., & Smallbone, S. (2014). The Sexual Lives of Sexual Offenders: The Link Between Childhood Sexual Victimization and Non-Criminal Sexual Lifestyles Between Types of Offenders. *Psychology, Crime & Law*, 20(1), 37-60. Doi: 10.1080/1068316x.2012.736510.
- Cechinel, A., Fontana, S. A. P., Della, K. G. P., Pereira, A. S., & Prado, S. S., do (2016). Estudo/análise documental: uma revisão teórica e metodológica. *Criar Educação*, 5(1). Doi: 10.18616/ce.v5i1.2446.

- Cossins, A. (2000). *Masculinities, Sexualities, and Child Sexual Abuse*. Neatherlands: Kluwer Law International.
- Cossins, A., & Plummer, M. (2016). Masculinity and Sexual Abuse: Explaining the Transition from Victim to Offender. *Men and Masculinities*, 21(2), 163-188. Doi: 10.1177/1097184x16652655.
- Costa, L. P., Cavalcante, L. C., & Reis, D. C. (2018). Autores de agressão sexual em contextos intra e extrafamiliar: revisão da literatura. *Mudanças-Psicologia da Saúde*, 26(2), 61-69.
- Debona, T. L., Teixeira, A. N., Lima, D. J. M. M., Lemos, M., Neto, & Gontijo, R. C. (2019). O outro lado da história: um olhar sistêmico sobre os ofensores sexuais intrafamiliares. *REINPEC – Revista Interdisciplinar Pensamento Científico*, 4(3). Doi: 10.20951/2446-6778/v4n3a13.
- Decreto-Lei n. 2.848, de 7 de dezembro de 1940 (1940). Código Penal Brasileiro. Diário Oficial da União. Brasília, DF. Recuperado de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/Del2848.htm.
- Depraetere, J., Vandeviver, C., Beken, T. V., & Keygnaert, I. (2018). Big Boys Don't Cry: A Critical Interpretive Synthesis of Male Sexual Victimization. *Trauma, Violence & Abuse*, 00(0), 1-20. Doi: 10.1177/1524838018816979.
- Diamond, L. M., Bonner, S. B., & Dickenson, J. (2015). The Development of Sexuality. *Handbook of Child Psychology and Developmental Science*, 1-44. Doi: 10.1002/9781118963418.childpsy321.
- Edley, N. (2017). *Men and Masculinity: The Basics*. London: Routledge.
- Gerwinn, H., Weiß, S., Tenbergen, G., Amelung, T., Födisch, C., Pohl, A., Massau, C., Kneer, J., Mohnke, S., Kärger, C., Wittfoth, M., Jung, S., Drumkova, K., Schiltz, T., Walter, M., Beier, D. M., Walter, H., Ponseti, J., Schiffer, B., & Kruger, T. H. C. (2018). Clinical Characteristics Associated with Paedophilia and Child Sex Offending: Differentiating Sexual Preference from Offence Status. *European Psychiatry*, 51, 74-85. Doi: 10.1016/j.eurpsy.2018.02.002.
- Greenberg, J. S., Bruess, C. E., & Oswald, S. B. (2016). *Exploring the Dimensions of Human Sexuality*. Burlington: Jones & Bartlett Learning.
- Gunst, E., Watson, J. C., Desmet, M., & Willemsen, J. (2017). Affect Regulation As a Factor in Sex Offenders. *Aggression and Violent Behavior*, 37, 210-219. Doi: 10.1016/j.avb.2017.10.007.
- Hanriot, M. L. A., Garcia, M. H. C., Lara, F. C. M., & Sousa, N. A. F. (2013). Linha da vida: contando, cortando e rebordando novos caminhos. *Gestão e Saúde*, 4(2), 2388-2403. Recuperado de <https://periodicos.unb.br/index.php/rgs/article/view/275/263>.
- Heffernan, R., & Ward, T. (2015). The Conceptualization of Dynamic Risk Factors in Child Sex Offenders: An Agency Model. *Aggression and Violent Behavior*, 24, 250-260. Doi: 10.1016/j.avb.2015.07.001.

- Hillis, S., Mercy, J., Amobi, A., & Kress, H. (2016). Global Prevalence of Past-Year Violence Against Children: A Systematic Review and Minimum Estimates. *Pediatrics*, 137(3). Doi: 10.1542/Peds.2015-4079.
- Hohendorff, J. V., Santos, S. S. D., & Dell’Aglío, D. D. (2015). Estudo de caso sobre a revelação da violência sexual contra meninos. *Contextos Clínicos*, 8(1), 46-54. Doi: 10.4013/Ctc.2015.81.05.
- Hyde, S. J., Byers, E. S., & DeLamater, J. D. (2017). *Understanding Human Sexuality* (13a ed.). New York: McGraw-Hill Education.
- Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990 (1990). Estabelece o Estatuto da Criança e do Adolescente. *Diário Oficial da União*. Brasília, DF. Recuperado de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069.htm.
- Lei n. 12.015, de 7 de agosto de 2009 (2009). Dispõe sobre os crimes hediondos. *Diário Oficial da União*. Brasília, DF. Recuperado de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Lei/L12015.htm.
- Lima, A. C. S. (2016). Levantamento das possíveis variáveis envolvidas no comportamento de abusar sexualmente de crianças e adolescentes. Dissertação de mestrado, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, Paraná, Brasil. Recuperado de <http://www.pensamientopenal.com.ar/system/files/2016/12/doctrina44518.pdf>.
- Martínez-Catena, A., Redondo, S., Frerich, N., & Beech, A. R. (2016). A Dynamic Risk Factors: Based Typology of Sexual Offenders. *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology*, 61(14), 1623-1647. Doi:10.1177/0306624x16629399.
- Meneses, F. F. F., Stroher, L. M. C., Setubal, C. B., Wolff, L., dos S., & Costa, L. F. (2016). Intervenção psicossocial com o adulto autor de violência sexual intrafamiliar contra crianças e adolescentes. *Contextos Clínicos*, 9(1), 98-108. Doi: 10.4013/ctc.2016.91.08.
- Ministério da Justiça e Segurança Pública, Departamento Penitenciário Nacional (2017). Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias. Recuperado de http://depen.gov.br/DEPEN/depen/sisdepen/infopen/relatorio_2016_22-11.pdf.
- Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde (2018). Análise epidemiológica da violência sexual contra crianças e adolescentes no Brasil nos anos de 2011 a 2017. *Boletim Epidemiológico*, 49(27). Recuperado de <https://portalarquivos2.saude.gov.br/images/pdf/2018/junho/25/2018-024.pdf>.
- Mowat, K., Coombes, L., & Busch, R. (2016). Resituating Masculinity and Power in Preventing Child Sexual Abuse. *Australian Community Psychologist*, 28(1), 24-45. Retrieved from <https://www.psychology.org.au/getmedia/0a66aa03-2a89-496a-8755-911263a869c5/acp-28-1-2016.pdf#page=24>.
- Nogueira, R. N., Costa, L. F., Passarela, C. D. F. T., & Setubal, C. B. (2020). Apreensão do sofrimento do adulto ofensor sexual em intervenção psicossocial: uma etnografia. *Revista Subjetividades*, 20(1), 12-03. Doi: 10.5020/23590777.rs.v20i1.e9713.

- O’Leary, P., Easton, S. D., & Gould, N. (2016). The Effect of Child Sexual Abuse on Men. *Journal of Interpersonal Violence*, 32(3), 423-445. Doi: 10.1177/0886260515586362.
- Passarela, C. D. F. T., Stroher, L. M. C., & Costa, L. F. (2019). As violências sofridas por mulheres que ofenderam sexualmente. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 28(64), 47-60. Doi: 10.21452/2594-43632019v28n64a04.
- Plummer, M., & Cossins, A. (2016). The Cycle of Abuse: When Victims Become Offenders. *Trauma, Violence, & Abuse*, 19(3), 286-304. Doi: 10.1177/1524838016659487.
- Ranger, L. F. (2015). *Doing Gender As an Offender: A Criminological Analysis of Offender Narratives, and the Interrelationship Between Masculinity and Child Sexual Abuse*. Doctoral thesis, Victoria University of Wellington, Wellington, New Zealand. Retrieved from <http://researcharchive.vuw.ac.nz/handle/10063/4773>.
- Rossetto, K. R., & Tollison, A. C. (2017). Feminist Agency, Sexual Scripts, and Sexual Violence: Developing a Model for Postgendered Family Communication. *Family Relations*, 66(1), 61-74. Doi: 10.1111/fare.12232.
- Said, A. P., & Costa, Á. L., Junior (2018). Polivitimização de meninos vitimizados sexualmente: uma análise documental a partir de fichas de notificação. *Contextos Clínicos*, 11(1), 26-36. Doi: 10.4013/ctc.2018.111.03.
- Sanfelice, M. M., & De Antoni, C. (2010). A percepção do abusador sexual sobre a (sua) sexualidade. *Interamerican Journal of Psychology*, 44(1), 131-139. Recuperado de <https://www.redalyc.org/pdf/284/28420640014.pdf>.
- Secretária de Estado de Saúde do Distrito Federal (2018). Subsecretaria de Vigilância Epidemiológica – Núcleo de Estudos e Programas na Atenção e Vigilância em Violência. Informativo sobre as notificações de violência interpessoal/autoprovocada na SES/DF por ciclo de vida – junho/2018. Recuperado de http://www.saude.df.gov.br/wp-content/uploads/2018/05/INFORMATIVO-VIOLENCIA_JUN2018.pdf.
- Ward, T., & Beech, A. R. (2016). The Integrated Theory of Sexual Offending – Revised: A Multifield Perspective. In D. P. Boer (Ed.). *The Wiley Handbook on the Theories, Assessment and Treatment of Sexual Offending*. (pp. 123-137). United Kingdom: John Wiley & Sons. Doi: 10.1002/9781118574003.Wattso006.
- Wolff, L. D. S., Oliveira, E. S. D., Marra, M. M., & Costa, L. F. (2016). O recurso psicodramático na intervenção com o adulto autor de ofensa sexual. *Revista Brasileira de Psicodrama*, 24(2), 58-68. Doi: 10.15329/2318-0498.20160020.
- World Health Organization (2014). *Relatório mundial sobre a prevenção da violência 2014*. Recuperado de <http://nevusp.org/wp-content/uploads/2015/11/1579-VIP-Main-report-Pt-Br-26-10-2015.pdf>.
- World Health Organization. (2003). *The World Health Report: 2003: Shaping the Future*. Retrieved from https://www.who.int/whr/2003/en/whr03_en.pdf.
- World Health Organization. (2006). *Defining Sexual Health: Report of a Technical Consultation on Sexual Health*. Retrieved from

https://www.who.int/reproductivehealth/publications/sexual_health/defining_sexual_health.pdf.

Wurtele, S. K., Simons, D. A., & Parker, L. J. (2018). Understanding Men's Self-Reported Sexual Interest in Children. *Archives of Sexual Behavior*, 47(8), 2255-2264. Doi: 10.1007/s10508-018-1173-z.

Recebido em: 16/04/2020

Aprovado em: 14/04/2021